

O Caribe insular e o Haiti como objeto de estudo histórico no Brasil (2010-2022)¹

Loudmia Amicia Pierre-Louis²

Resumo

Este artigo constitui um exercício inicial de análise de estudos universitários na área de história relacionados ao Haiti e, por extensão, ao Caribe insular no Brasil durante o ano de 2010 até o primeiro semestre de 2022, considerando a presença cada vez mais marcante de imigrantes haitianos/caribenhos na sociedade brasileira, incluindo na academia, a partir desse período. Por meio da análise documental de teses e dissertações, problematizam-se os discursos difundidos nesses estudos acerca da região. Como objeto de estudo histórico, observou-se que, de forma geral, o Caribe insular é pouco pesquisado e os temas investigados não são muito diversificados, sendo Cuba uma exceção. O Haiti, por sua vez, aparece estereotipado e exotizado.

Palavras-chave: Haiti e o Caribe insular; universidade pública; estudos históricos.

La Caraïbe insulaire et Haïti comme objet d'étude historique au Brésil (2010-2022)

Résumé

Cet article constitue un premier exercice d'analyse des études universitaires dans le domaine de l'histoire liées à Haïti et, par extension, à la Caraïbe insulaire au Brésil au cours de l'année 2010 jusqu'au du premier semestre de 2022, compte tenu de la présence croissante des immigrants haïtiens/caraïbéens dans la société brésilienne, y compris dans le milieu universitaire, à partir de cette période. Par l'analyse documentaire de thèses et de mémoires, les discours diffusés dans ces études sur la région sont problématisés. En tant qu'objet d'étude historique, il a été observé qu'en général, la Caraïbe insulaire fait l'objet de peu de recherches et que les thèmes étudiés sont peu diversifiés, Cuba étant une exception. Haïti, quant à elle, apparaît stéréotypée et exotisée.

Mots-clés: Haïti et la Caraïbe insulaire; université publique; études historiques.

Artigo recebido em: 24 de janeiro de 2023

Artigo aprovado em: 26 de maio de 2023

¹ Este artigo é fruto das reflexões presentes na nossa pesquisa de especialização. Cf. **O Caribe Insular e o Haiti:** uma Radiografia da História Acadêmica no Brasil (2010-2020). Orientador: Hernán Venegas Marcelo. 2022. 38f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História e América Latina) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu/PR, 2022. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/6657;jsessionid=141D031432DFDD491EFA1981780CED40>. Acesso em: 20 ago. 2022.

² Graduada em História - América Latina (Bacharel), Especialista em Ensino de História e América Latina e Mestra em História pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: Loudmia09@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6070-8727?lang=pt>

1. Introdução

Segundo Michel-Rolph Trouillot, na época em que escrevia, nos anos de 1990, o Caribe não era objeto privilegiado de estudo das Ciências Sociais e Humanas. Por ser uma região com uma população predominantemente não branca, “não era suficientemente “ocidental” para atender às preocupações dos sociólogos”, por exemplo. Tampouco era interessante para os antropólogos por não ser “nativo” o suficiente, já que sua população indígena era quase totalmente dizimada (TROUILLOT, 1992, p. 20. Tradução nossa). No caso das ciências históricas, o antropólogo e historiador afirma que as “sociedades caribenhas são inescapavelmente históricas, pois, parte de seu passado distante não é apenas conhecido, mas conhecido por ser diferente de seu presente, e esse presente é compreensível tanto para os observadores como para os nativos” (TROUILLOT, 1992, p. 21. Tradução nossa). Nesse sentido, Trouillot aponta no seu texto para a falta de estudos empíricos sérios sobre o Caribe e a relevância de se estudar a natureza e o significado da história caribenha.

Partindo dessa afirmativa, arriscamo-nos em dizer que no Brasil, na área de história, o Caribe ainda permanece nessa margem de “insuficientemente” interessante. Analisando a quantidade de trabalhos que estudam temas relacionados aos países da região, desde os anos 2000, por exemplo, no Catálogo de Teses e Dissertações da Plataforma Capes³, constata-se uma certa produção e uma circulação de saberes sobre o Caribe nas ciências históricas no Brasil, porém não muito volumosa.

Assim, nas páginas seguintes, propomos um balanço, mais panorâmico que exaustivo, dos estudos de história no Brasil acerca do Haiti e, por extensão, do Caribe insular, de modo a destacar as questões e temas de estudo mais frequentes. O recorte temporal – 2010-2022 – foi definido levando em conta a crescente imigração haitiana/caribenha no Brasil a partir dos anos de 2010, chegando a somar cerca de 90 mil haitianos em setembro de 2017 (LIMA, 2017), número que representa menos de 0,05% da população nacional brasileira. Dessa maneira, investigamos como os estudos históricos universitários têm se apropriado do Haiti e do Caribe insular como tema de pesquisa na década da crescente imigração haitiana/caribenha no Brasil.

³ CAPES. Painel de informações quantitativas (teses e dissertações). Disponível em: [Catálogo de Teses & Dissertações - CAPES](#). Acesso em 20 jan. 2022.

Para poder apontarmos como o Haiti e o Caribe insular vêm sendo entendidos, estudados e pesquisados no Brasil, bem como o tipo de discurso que aparece para descrevê-los, fazemos uso da análise documental das produções universitárias dos programas de pós-graduação em história (PPGH) – *stricto sensu* – das seguintes universidades públicas: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade Federal Fluminense (UFF); Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade de São Paulo (USP); Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA); Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e a Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Sendo assim, esta pesquisa se trata de um exercício inicial, pois a produção universitária inclui tanto artigos de revistas, de anais de eventos, livros etc. quanto de autoria de discentes e docentes, não se limitando a essas 9 instituições analisadas.

2. A relação entre o Brasil e o Caribe

A historiadora cubana Olga Cabrera, que foi professora da Universidade Federal de Goiás, é uma das principais figuras que tem se dedicado a estudar o Caribe no Brasil. Em 1999, criou o Centro de Estudos do Caribe do Brasil (CECAB) para suprir a falta de estudos caribenhos no país que se fazia – e ainda se faz – sentir mesmo no âmbito dos estudos latino-americanistas (CABRERA, 2013). Dessa forma, para cumprir com essa missão, o CECAB esteve no centro da criação da Revista Brasileira do Caribe e da realização de Simpósios Internacionais. No entanto, desde a aposentadoria da professora, em 2008, o Centro deixou de existir, sendo que seu último simpósio foi promovido em 2013. Contudo, a Revista Brasileira do Caribe, publicada pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Maranhão, continua suas publicações, caracterizando assim o único espaço na área de história reservado para o incentivo e a vulgarização de estudos exclusivamente voltados ao Caribe no país.

Assim, aproveitando o artigo *O Brasil e a distante América do Sul*, da historiadora Maria Lígia C. Prado (2001a), sobre a relação entre o Brasil e os demais países latino-americanos, argumentamos que o Brasil se manteve distante, por muito tempo, não somente da América Latina, ou mais especificamente da América hispânica, ou, ainda mais estritamente, da América do Sul,

mas também do Caribe, sobretudo do Caribe insular. Esse Caribe se caracteriza pela experiência do sistema de *plantation*, a escravidão e sua população majoritariamente negra, correspondendo ao conceito clássico de Caribe e incluindo as Grandes e Pequenas Antilhas, juntamente com as Bahamas, Bermuda, Belize e as Guianas, segundo o historiador porto-riquenho, Antonio Gaztambide-Géigel (2006).

Para entendermos o distanciamento entre o Brasil e o Caribe insular, é preciso analisarmos especificamente o caso brasileiro e a configuração do seu Estado-nação, que renegou suas raízes africanas – e indígenas –, constituindo-se em uma nação herdeira unicamente das tradições lusocristãs (GUIMARÃES, 1988). Segundo Olga Cabrera, o Brasil tem se mantido distante da região do Caribe da mesma forma que se manteve distante da sua população negra. Ela estabelece, assim, uma relação entre a grande população caribenha negra e o caráter racista da sociedade brasileira (CABRERA, 2007; 2013; CABRERA; IBARRA, 2014).

A população caribenha insular é de fato majoritariamente negra. Sendo marcadamente moderno, porém *de outro modo* (TROUILLOT, 2011), o Caribe insular, no Novo Mundo, foi a primeira região onde se assentou o sistema escravista – recebeu mais escravizados que o próprio Brasil –, mas foi também onde tal escravidão foi pela primeira vez abolida, no Haiti (TROUILLOT, [1995]/2016). Surgiu assim o haitianismo, que marcou a relação entre o Haiti e o Brasil, bem como com os demais países do continente, durante todo o século XIX e boa parte do XX (GOMEZ, 2010; MOREL, 2017; NASCIMENTO, 2008). O Caribe se define, portanto, como um espaço estratégico e de rivalidades imperialistas, além da resistência de seu povo a essas violências, que soube se criouliizar e criar constantemente realidades novas e imprevisíveis (SANTANA CASTILLO, 2007; GLISSANT, [1996]/2005).

Para entendermos esse distanciamento, conforme Déborah Barros Leal Farias (2000, p. 54-59), também podemos levar em conta que antes da década de 1960 muitos dos países caribenhos insulares não eram nações independentes. Portanto, os estudos anteriores a essas décadas tratavam de colônias, sendo que o Brasil, em caso de interesses, estabelecia relações diretamente com as metrópoles correspondentes. Após a década de 1960, no contexto da Guerra Fria, da Ditadura Militar no Brasil e da hegemonia estadunidense no Caribe, o contato do Brasil com os países caribenhos estava condicionado aos interesses dos Estados Unidos. É preciso também ter em conta os interesses meramente estratégicos do Brasil para com o Caribe no âmbito das relações

internacionais, como aponta Mendes Leandro Rocha (2000). O autor nos diz que o “Caribe tem se apresentado ao Brasil, muitas vezes, tão somente como uma região exótica, um paraíso fiscal e uma importante área turística” (ROCHA, 2000, p. 101). Precisamente, os escritos sobre o Caribe apontam para uma região muitas vezes concebida com base em diversos estereótipos e exotismos, vista como o lugar da barbárie, da bruxaria, dos ditadores, da pobreza, dos destinos turísticos paradisíacos, entre outros (HURBON, 1988; TROUILLOT, 1992; FREITAS, 1998; PEPIN, 2011; CANALS, 2013).

O distanciamento também se demonstra, por exemplo, na pouca persistência da análise dessa região nas produções em história recente do país. Esse caso pode ser analisado a partir das questões ideológicas e epistemológicas da própria produção histórica, colaborando também para esse afastamento ao legitimar a formação dos Estado-nações por meio de uma história etnocêntrica. Se bem que algumas exceções podem ser observadas nas historiografias latino-americana e caribenha, que pensaram a história do continente como histórias não exclusivamente nacionais (MARQUESE; PIMENTA, 2015), sendo que essas narrativas históricas de tipo nacionalistas predominam. Como bem aponta Jurandir Malerba (2019, p. 468), “apesar do advento da história global, a história acadêmica, em qualquer país, tem uma orientação eminentemente nacional”, além disso, o autor expõe como no Brasil se tem “uma historiografia ainda majoritariamente nacionalista, no que respeita à abordagem e a campos de investigação”.

Essa história nacionalista limita estudos que pretendam estabelecer conexões entre as várias realidades que fogem das fronteiras nacionais, a partir de abordagens comparativas, conectadas, transnacionais, globais, visando a uma perspectiva de história atlântica (ÁGUILA, 2011; PRADO, 2012; ARMITAGE, 2014; GRUZINSKI, 2001; ALENCASTRO, 2019; SUBRAHMANYAM, 2017; MALERBA, 2019). Ainda, por muito tempo a produção de conhecimento no Brasil tem dialogado muito mais com a Europa e os Estados Unidos do que com os países latino-americanos e caribenhos (PRADO 2001b; BETHELL, 2009; KALIL-ALVES; OLIVEIRA, 2011; MATHIAS, 2011; CAINELLI, 2012), tornando a abordagem da história do Caribe bastante escassa no país.

Contudo, observa-se que nos últimos anos do século XX e início do século XXI, o Brasil se aproximou dos seus vizinhos latino-americanos e passou a se considerar cada vez mais como parte integrante da América Latina. Importantes iniciativas no âmbito das relações internacionais marcaram essas mudanças. O contexto da expansão das pesquisas universitárias no país e das

transformações na própria produção histórica, tanto no exterior quanto em nível nacional, também devem ser levadas em consideração (OLIVEIRA; GONTIJO, 2016; GODOY, 2009). A pesquisa de José Luis Bendicho Beired (2013) aponta que desde o final dos anos de 1980, os estudos históricos analisando a América Latina vêm crescendo e se tornando mais frequentes na academia brasileira. Programas de pós-graduação, como o PROLAM/USP, e grupos acadêmicos na área de história, como a Associação Nacional de Pesquisadores e Historiadores das Américas (ANPHLAC), são importantes nesse sentido. A mais recente criação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), em 2010, talvez seja uma das principais evidências dessas mudanças. No entanto, referente ao Caribe, o Brasil ainda apresenta poucas pesquisas históricas dedicadas a estudar essa região e a estabelecer conexões culturais e históricas entre os dois (CABRERA; IBARRA, 2014; CABRERA, 2007, PRADO 2001b)⁴.

Fazendo um levantamento dos cursos de graduação em história (bacharelado e licenciatura) nas universidades que analisamos nesta pesquisa – UFMG⁵, UFF⁶, UNICAMP⁷, UFRGS⁸, USP⁹, UFRJ¹⁰, UNILA¹¹, UFMA¹² e UNIFAP¹³ –, verificamos que os estudos de história da América

⁴ Como exemplo, podemos tomar o caso da Revista da ANPHLAC, cujo primeiro número foi publicado em 2007, contudo, foi apenas em 2016 que dois números sobre a “História do Caribe” foram publicados. Nenhum número anterior ou posterior até a escrita deste artigo fazem alusão ao Caribe nos títulos, a maioria dos trabalhos enfatiza a América Latina, mesmo quando estudam países caribenhos

⁵UFMG. Bacharelado com núcleo específico e núcleo geral. Estrutura Curricular. Disponível em: <https://ufmg.br/cursos/graduacao/2421/91233>. Acesso em 20 jan. 2022; UFMG. Licenciatura com núcleo específico e núcleo geral. Estrutura Curricular. Disponível em: <https://ufmg.br/cursos/graduacao/2421/91234>. Acesso em: 20 jan. 2022.

⁶UFF. Matriz curricular. História. Disponível em: <https://app.uff.br/iduff/consultaMatrizCurricular.uff>. Acesso em 20 jan. 2022.

⁷UNICAMP. Projeto pedagógico cursos de graduação em história. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ifch/pf-ifch/public-files/graduacao/projeto-pedagogico-historia-2018.pdf>. Acesso em 20 jan. 2022.

⁸UFRGS. Ensino de história. Bacharelado, licenciatura. Projeto pedagógico. Disponível em: http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod_curso=333. Acesso em 20 jan. 2022.

⁹USP. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Grade curricular do curso de bacharelado em história. Disponível em: <https://uspdigital.usp.br/jupiterweb/listarGradeCurricular?codecg=8&codcur=8030&codhab=103&tipo=N>. Acesso em: 20 jan. 2022.

¹⁰UFRJ. Ementas das disciplinas de graduação bacharelado e licenciatura. Disponível em: [Bacharelado - 2011.1 a 2019.1 \(ufrj.br\)](https://www.ufrj.br/portal/ver?id=2019.1). Acesso em: 20 jan. 2022.

¹¹UNILA. Matriz Curricular e Projeto Pedagógico do curso de História – Licenciatura. Disponível em: [Matriz Curricular e PPC — Universidade Federal da Integração Latino-Americana \(unila.edu.br\)](https://www.unila.edu.br/portal/ver?id=2019.1). Acesso em: 20 jan. 2022; UNILA. Matriz Curricular e Projeto Pedagógico do curso de História - América Latina. Disponível em: [Matriz Curricular e PPC — Universidade Federal da Integração Latino-Americana \(unila.edu.br\)](https://www.unila.edu.br/portal/ver?id=2019.1). Acesso em 20 jan. 2022.

¹²UFMA. Curso de história. Currículos. Disponível em: https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/curso/curriculo_curso.jsf?lc=pt_br&lc=pt_br&id=85811. Acesso em: 20 jan. 2022.

Latina (a América hispânica) estão bem presentes como disciplinas obrigatórias e optativas, enquanto os estudos sobre o Caribe figuram timidamente. Somente a USP e a UNIFAP têm incluído nos seus currículos o estudo do Caribe.

Na grade curricular do curso de história da USP, observa-se que o Caribe/Circuncaribe aparece em três disciplinas obrigatórias: *História da América Colonial*, *História Indígena Colonial* e *História da América Pré-Hispânica*. No entanto, na bibliografia de seus planos de aula, as referências ao Caribe são quase inexistentes, o foco maior é referente à América Latina. Por sua vez, nos cursos de história licenciatura e bacharelado da UNIFAP foram identificadas duas disciplinas optativas voltadas ao estudo do Caribe: *História das Guianas, Caribe e Afro-América*, e *História do Caribe Colonial*, com uma bibliografia bem densa acerca do Caribe. É importante lembrar que desde o final dos anos de 1980, a USP possui programas de pós-graduação, como o PROLAM, voltado à pesquisa da realidade da América Latina, além disso, a UNIFAP faz fronteira com a Guiana Francesa, país do Caribe insular, motivo pelo qual talvez o Caribe esteja presente nos seus cursos de graduação em história.

Apesar dos avanços observados no próprio âmbito da pesquisa, o estudo do Caribe nas ciências históricas no Brasil é ainda dificultado por outras questões. Pois, como aponta Barbara Weinstein (2013, p. 25 apud SANTOS JÚNIOR; SOCHACZEWSKOI, 2017, p, 494), para a realização de estudos que não se limitam às fronteiras nacionais na América Latina, é preciso levar em conta “a questão dos financiamentos de pesquisa, acesso a bibliotecas e acervos de arquivos. Infelizmente, existe um déficit de recursos na América Latina como um todo, o que acaba se tornando uma barreira para o desenvolvimento de novas tendências historiográficas na região”. Se essa realidade condiz com as dificuldades de estudos acerca do Caribe, a falta de fomento para a realização de trabalho de campo e parcerias entre as universidades brasileiras e as universidades caribenhas, por exemplo, é importante, no entanto, apontar a disponibilidade de fontes em bibliotecas e arquivos digitais, o que poderia tornar o exercício menos complicado¹⁴. O caso do

¹³UNIFAP. História. Licenciatura e bacharelado. PPC/Matriz. Disponível em: <https://www2.unifap.br/historia/#>. Acesso em: 20 jan. 2022; Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura em História. Disponível em: https://www2.unifap.br/historia/files/2021/04/processo_23125008402202168_Ementas_Atual_20217-historia.pdf. Acesso em 21 jan. 2022.

¹⁴Podemos citar como exemplo o *DIGITAL LIBRARY OF THE CARIBBEAN. A Multi-Institutional, International Digital Library*. Página inicial. Disponível em: <https://dloc.com/>. Acesso em 23 jan. 2023; MANIOC. *Bibliothèque numérique Caraïbe Amazonie Plateau des Guyanes*. Página inicial. Disponível em: <http://www.manioc.org/>. Acesso em

CECAB, que deixou de funcionar com a aposentadoria da sua fundadora cubana, pode ser analisado como um interesse limitado por parte da Academia Brasileira em estudar o Caribe, mais uma dificuldade que caracteriza os estudos acerca da região.

No entanto, com a criação do CECAB e suas atividades nos anos 2000, observou-se um nítido aumento na plataforma da Capes de trabalhos que estudam temas relacionados aos países da região nos PPGs nas Ciências Humanas. Outras questões estão relacionadas a esse aumento, como a participação cada vez mais ativa do Brasil em países do Caribe desde o final dos anos de 1990, mas com maior destaque a partir de 2000. No seu artigo sobre as relações entre o Brasil e os países da Bacia do Caribe, Domínguez Avila (2008) aponta como os primeiros anos do século XXI ampliaram as relações econômicas e diplomáticas entre o Brasil e o Caribe.

Cuba e Haiti estão entre os países do Caribe insular dos quais o Brasil mais tem se aproximado. No final dos anos de 1990 e início dos anos 2000, o governo brasileiro tem se aproximado de Cuba por meio de relações comerciais, políticas, científicas e de desenvolvimento de programas sociais (SANTOS; SILVA, 2016; BRESSAN, 2017). No caso do Haiti, de 2004 a 2017, o Brasil comandou a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH), sendo que a partir de 2010 se constatou uma crescente imigração haitiana para o Brasil. Desde então, esses caribenhos têm ocupado espaços diversos na sociedade brasileira (JESUS, 2020; ALPHONSE; MACEDO, 2017). Contudo, esses países, sendo o mais pesquisado do Caribe insular, são apreendidos de formas diferentes: Cuba a partir de um excepcionalismo “positivo” (HOFFMANN; WHITEHEAD, 2006) e o Haiti a partir de um excepcionalismo “negativo” (TROUILLOT, 2020).

3. Análise das teses e dissertações acerca do Caribe insular e do Haiti

A partir de um levantamento feito no site da Plataforma Capes, o nosso recorte privilegiou universidades que constam entre as mais relevantes cujos PPGHs produzem acerca do Caribe: os PPGHs da UFMG, UFF, UNICAMP, UFRGS, USP – história social – e a UFRJ – história social e história comparada. Mas também esses programas são os que foram mais bem avaliados pela Capes

23 jan. 2023; Gallica, *Bibliothèque numérique de la Bibliothèque nationale de France*. Página inicial. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/accueil/fr/content/accueil-fr?mode=desktop>. Acesso em 23 jan. 2023.

em 2017¹⁵, obtendo nota máxima na avaliação recente¹⁶. Trata-se de universidades antigas e, portanto, já consolidadas, com notoriedade reconhecida, possuindo importantes verbas por parte de instituições de financiamento de pesquisa científica. Além disso, instituições como UNICAMP e UFRGS estiveram entre as primeiras a aderirem ao Programa Pró-Haiti¹⁷, e é nos estados de São Paulo e do Rio Grande do Sul que residem a maioria dos imigrantes haitianos no país (LIMA, 2017).

Também incluímos no nosso recorte outros programas, como o PPGH da UNILA¹⁸, levando em conta a notável proposta da instituição voltada à América Latina e, em certa maneira, ao Caribe. Da mesma forma, julgamos necessária a análise da UFMA¹⁹ por editar a Revista Brasileira do Caribe, bem como do PPGH da UNIFAP²⁰, pela aproximação fronteiriça do estado de Amapá com a Guiana Francesa. No entanto, nessas instituições não identificamos nenhum trabalho que tratasse dos temas desta pesquisa no período estudado. Porém, nesse caso, é de se levar em consideração que a UNILA e a UNIFAP possuem apenas cursos de mestrado e são programas que datam de 2019, ou seja, são poucos os trabalhos defendidos e que constam nos seus repositórios. A UFMA também é um programa novo se comparado às demais universidades, mas dos muitos trabalhos defendidos no mestrado – sendo o doutorado de 2019 –, nenhum estudou o Caribe.

Para a análise das fontes, fizemos uso de uma abordagem qualitativa por meio da pesquisa documental (CELLARD, 2008) para obter informações significativas acerca de como o Haiti e o

¹⁵CAPES. Cursos Avaliados e Reconhecidos. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoIes.jsf;jsessionid=OpxD1+vMmr3QOauIPVj+o1G.sucupira218?areaAvaliacao=40&areaConhecimento=70500002>. Acesso em: 20 jan. 2022.

¹⁶CAPES. Resultado da Avaliação Quadrienal 2021. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrijoizdy5ote5otktmtu4nc00zdrlwe2zjmtmwiynwfnjndmxm2e2iwiwidci6ijjmngrlymi4lty0m2etngrizs05mjdiltlntyyzwy3mdbiosj9>. Acesso em 19 jan. 2023.

¹⁷No contexto da “ajuda humanitária” oferecida ao Haiti depois do terremoto de 2010, foi assinado no âmbito do Memorando de Entendimento entre Brasil e Haiti, no mesmo ano, o Programa Emergencial em Educação Superior – Pró-Haiti, voltado à população estudantil. Alphonse e Macedo (2017) apontam que os objetivos do programa eram manter e reforçar a relação entre os dois países por meio de uma troca de estudantes, técnicos e professores haitianos entre o Brasil e o Haiti. Os primeiros estudantes chegaram ao Brasil em agosto de 2011, em quatro universidades: UNICAMP, UFSC, UFSCar, UFRGS, num total de 78.

¹⁸UNILA. Repositório Institucional. PPGHIS. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/4399>. Acesso em 12 abr. 2022.

¹⁹UFMA. PPGHIS. Dissertações/teses. Disponível em: https://sigaa.ufma.br/sigaa/public/programa/defesas_stricto.jsf?lc=pt_BR&idPrograma=1114. Acesso em 21 jan. 2022.

²⁰UNIFAP. Programa de Pós-Graduação em História. Dissertações. Disponível em: <https://www2.unifap.br/ppgh/dissertacoes/>. Acesso em 12 abr. 2022.

Caribe insular vêm sendo entendidos e pesquisados na academia brasileira, desde a área de história. A seleção das teses e dissertações foi feita diretamente no site de cada universidade, com base nas seguintes palavras-chave: Haiti, Caribe e outros países pertencentes ao Caribe insular, além de eventos e personagens que remetem a esses países nos seus títulos. Depois, foi feita a leitura das partes principais dos trabalhos (resumo, introdução e as considerações finais) e alguns capítulos ou subcapítulos exclusivamente voltados à apresentação ou à descrição do(s) país(es) estudado(s). Procuramos também por outras palavras-chave específicas, tais como “pobreza”, “miséria” e seus derivados. Prestamos atenção igualmente às palavras e expressões que atribuísem à região imagens estereotipadas e exotizadas. Também ficamos atentos às tentativas dos trabalhos de estabelecerem relações entre o país estudado e outras partes do mundo.

O levantamento das dissertações e teses resultou na localização de 33 trabalhos – 16 teses e 17 dissertações, quase todos produzidos por historiadores de formação. Na UFMG foram localizados 4 trabalhos voltados ao estudo de Cuba. Na UFF foram 4 trabalhos, sendo um sobre a colônia de *Saint-Domingue/Haiti*, um sobre Barbados, um sobre Trinidad e outro sobre Cuba. Na UNICAMP, foram 5 trabalhos, 4 sobre Cuba, um sobre Martinica e outro sobre o Haiti. Na UFRGS foram dois trabalhos cujo foco principal é Cuba. Na USP foram localizados 9 trabalhos, dois sobre o Caribe de forma geral, um sobre o Haiti e 6 sobre Cuba. Na UFRJ foram 8 trabalhos, sendo 4 sobre Cuba e 4 sobre o Haiti, dois destes são também sobre a República Dominicana. Dessa forma, dividimos as produções em três grupos: **1)** análise de *Haiti/Saint-Domingue* e a República Dominicana, sendo 7 no total; **2)** análise de Martinica (1), Barbados (1), Trinidad (1) e dois que analisam mais de um país caribenho e **3)** análise de Cuba, sendo 21 no total.

3.1. Haiti/*Saint-Domingue* e República Dominicana

1) O primeiro trabalho analisado foi a dissertação da historiadora Amanda Bastos da Silva: *A Revolução de São Domingos e os embates entre forças abolicionistas e escravistas no longo século XIX: as contribuições de Marcus Rainsford e Jean-Louis Dubroca*, defendida em 2019 na UFF. O trabalho, além das partes principais, está dividido em três capítulos cujo objetivo principal é analisar, a partir dos pressupostos metodológicos da História Mundial e dos Sistemas Globais, “as

implicações da Revolução de São Domingos às movimentações abolicionistas e escravistas que permearam o Mundo Atlântico” (SILVA, 2019, p. 7). Assim, o seu trabalho propõe uma análise mais geral a partir do Mundo Atlântico, estabelecendo relações com o mundo caribenho do final do século XVIII e início do século XIX, analisando a experiência do Haiti a partir da sua condição caribenha. As principais fontes usadas foram os livros e as gravuras produzidas pelo soldado britânico abolicionista Marcus Rainsford e pelo livreiro escravista francês Jean Louis Dubroca.

Detemo-nos, além das partes principais, à leitura das partes principais do trabalho e do primeiro capítulo, *A escravidão colonial e as primeiras movimentações abolicionistas*. Nessa primeira parte do trabalho, a intenção foi de discutir os sistemas escravistas no Novo Mundo, os primeiros movimentos abolicionistas e a Segunda Escravidão como um dos desdobramentos da Revolução de São Domingos. De forma geral, observamos na análise dessa dissertação que os escravizados aparecem como principais agentes históricos da Revolução Haitiana. A autora se aproxima dos trabalhos de historiadores como Michel Rolph-Trouillot, Robin Blackburn e Ada Ferrer, que defendem a tese de que São Domingos possui importância histórica inquestionável aos embates entre forças abolicionistas e escravistas que assolaram o Mundo Atlântico (SILVA, 2019, p. 22).

2) Na UNICAMP identificamos a dissertação: *Uma nação em construção: trabalho livre e soberania no código rural haitiano (1826 - 1843)*, defendida em 2020 por Bethânia Santos Pereira, historiadora. Nesse trabalho, detemo-nos à leitura das partes principais e dos dois primeiros capítulos: 1) *Lutas pela soberania* e 2) *Um código de restrições*. De forma geral, nos três capítulos do trabalho, a autora procura compreender a apropriação da noção de “trabalho-livre” pela elite política e intelectual haitiana e pelos camponeses do período pós-independência por meio da análise, entre outros, do Código Rural de 1826. Assim, ela problematiza a relação entre Estado e trabalhadores rurais, analisando a receptividade da lei rural pelos trabalhadores e como se deu a resistência a ela. A pesquisadora estabelece uma análise que contextualiza a situação política interna do Haiti, como também situa o país no contexto mundial. Ela reflete assim sobre a experiência do Haiti a partir da sua localização geográfica, no Caribe, compreendendo o caso haitiano de forma conectada a um contexto maior de definição do trabalho livre e dos limites da soberania.

3) Na USP identificamos o trabalho: *Ao sul da fronteira cimarrón: o processo de redução dos negros do maniel de Neiba na Ilha de Española (1782-1795)*, defendido por Elisângela Mendes

Queiroz, em 2012, no mestrado em história. O trabalho da historiadora buscou analisar o processo de redução do *maniel* de Neiba (território quilombola), situado na Serra do Baorucu, fronteira sul entre as colônias de Santo Domingo (atual República Dominicana) e *Saint-Domingue* (atual Haiti), na segunda metade do século XVIII. As fontes privilegiadas nessa pesquisa foram algumas correspondências pertencentes ao acervo do Arquivo General de Índias, em Sevilha. Para além dessa documentação, foram consultados também compêndios de história, memórias e legislações.

A análise realizada pela pesquisadora se deu a partir dos estudos da historiografia contemporânea sobre as comunidades de escravos foragidos que vão contra a ideia de passividade construída pela história tradicional e reconhece o negro enquanto agente histórico. A pesquisadora quis entender o *maniel* como um espaço alternativo à escravidão, “Um lugar com organização cultural e socioeconômica própria que, como tudo mais ao seu redor, interagiu com as diferentes esferas sociais que constituíam o mundo no qual estava inserido” (QUEIROZ, 2012, p. 96).

4) Na UFRJ, no mestrado em história comparada, encontramos o trabalho: *Operações de paz à Brasileira – Uma forma antiga e particular ou uma nova projeção de poder? Um Estudo de Caso da Minustah*, de Daniele Dionísio da Silva, defendido em 2011. A dissertação está dividida em três capítulos nos quais a autora reflete sobre o Modo de Operação de Paz à Brasileira, atrelado a uma “forma de poder diplomático, cultural, social ou humanitário que emerge e age por meio da sedução e da persuasão”, o que levou o país a conquistar prestígio e a reprojeter seu poder diplomático em âmbito internacional, em vez de um modo associado ao “uso da força por meio da coerção, ou dissuasão e da imposição do poder militar”, no caso específico do Haiti (SILVA, D. 2011, p. 3). Assim, a autora faz uso da História Comparada, como proposta por Charles Ragin, e do conceito teórico de projeção de poder por meio da persuasão e da coerção ou *smart power*, de Joseph Nye.

Dedicamo-nos à leitura das partes principais e de três subcapítulos: 1.3.2 – *A Realidade Haitiana e o Contexto Africano*; 2.2 – *O Haiti – uma Realidade de Defesa ou de Segurança?* e 3.1 – *A História Comparada e as Variáveis de Hard e Soft Power Brasileiro no Haiti*. Neles a autora, formada em comunicação social – jornalismo, faz uma retrospectiva histórica para entender as questões complexas que levaram a MINUSTAH ao país. Mas é sobretudo para dar a conhecer o Haiti, já que “ninguém sabe nada sobre o Haiti”, isso incluindo os soldados brasileiros como “quase todo o mundo naquela época” (SILVA, D. 2011, p. 29-30). Assim, a apresentação das informações

referentes à chegada de Cristóvão Colombo, ao período colonial, à Revolução, que foi uma “matança violenta dos colonizadores franceses”, ao período pós-independência, à ocupação estadunidense, aos Duvalier até chegar aos governos de Aristide e de Préval sem estabelecer nenhuma relação real com outros países da região, são dadas.

A miséria, a pobreza, a podridão, a insegurança no país – termos utilizados pela autora – são detalhada e constantemente apresentadas ao longo do texto. Já que, “Ao contrário do que dizem do Brasil, “um país abençoado por Deus”, o Haiti parece não ter a mesma sorte”, pois, pela sua localização geográfica na “América Central”, é “castigado” por furacões e terremotos (SILVA, D. 2011, p. 78-79). Dessa forma, a situação política e socioeconômica do país o transforma “em um berço moderno das dez pragas do Egito” (SILVA, D. 2011, p. 78). Em vista da complexa situação do Haiti, para os diplomatas e militares brasileiros, a situação do país não depende unicamente de investimentos militares, mas sobretudo de uma “operação multidimensional com componentes militares e civis associadas, ajustadas a investimentos de longo prazo em nível econômico, social e político” (SILVA, D. 2011, p. 37). Essa percepção do Brasil, segundo a autora, se deve por certa identificação do país com os problemas haitianos, pois há proximidade entre a realidade haitiana e a realidade de algumas comunidades brasileiras, sejam as ribeirinhas da Amazônia ou as favelas das grandes cidades, o que levaria os brasileiros a terem mais “sensibilidade, profissionalismo, criatividade e visão global para ser eficiente no cumprimento de sua missão” (SILVA, D. 2011, p. 144).

5) Outro trabalho analisado foi: *O Brasil no Século XXI: Princípio da Não Indiferença: Direitos Humanos e Poder na MINUSTAH*, defendido no doutorado em História Comparada da UFRJ pela historiadora Bianca Pereira Bittencourt, em 2013. O trabalho analisa a política externa contemporânea brasileira em relação aos direitos humanos a partir da aceitação do país em liderar a MINUSTAH. As principais fontes estudadas no trabalho são as Resoluções 940 (1994) e 1542 (2004) da ONU e os discursos do Presidente da República e do Ministro das Relações Exteriores desse período.

Dos 4 capítulos do trabalho, além das partes principais, analisamos o capítulo 4, em específico os pontos 4 e 4.1. Nesse capítulo, *Não Indiferença no Século XXI*, o Haiti aparece sob o prisma da pobreza, da miséria e da incapacidade do Estado haitiano em liderar a nação, sendo que ao aceitar a Missão, o Brasil estaria “responde[ndo] ao grito de dor” haitiano (BITTENCOURT,

2013, p. 157). A primeira República negra da América Latina, outrora uma colônia próspera, é agora o país mais pobre do Ocidente e é marcada pela violência que se mostra uma constante, desde antes da independência até o tempo presente (BITTENCOURT, 2013, p. 161-162). “O Haiti permanecia, [assim] um país institucionalmente imaturo, politicamente instável, em que imperava ambiente de violência a comprometer a plena observação dos direitos humanos” (BITTENCOURT, 2013, p. 174).

Apesar do subtítulo do ponto 4.1, *Pobreza, conflito e violações na América Latina: o caso do Haiti*, a autora não estabelece nenhuma relação ou comparação entre o Haiti e os demais países da região. O Haiti aparece como um país peculiar, como se os eventos históricos apontados (escravidão, processo de independência, ocupações militares dos Estados Unidos, ditaduras, violações dos direitos humanos, desigualdades sociais) fossem estritamente pertencentes à realidade haitiana.

6) Também na UFRJ identificamos o trabalho defendido no mestrado de história comparada: *O uso da força em operações de manutenção da paz: uma análise comparada entre as missões das Nações Unidas no Haiti (1994-2010)*, defendido em 2010 por Estevão Gomes Pinto de Abreu, formado em Ciências Navais. O propósito geral dessa dissertação é examinar o uso da força em operações de manutenção da paz da ONU e identificar os elementos que fizessem com que a MINUSTAH, entre 2004 e 2010, alcançasse um bom estágio durante a sua missão no Haiti, “em comparação ao primeiro grupo de operações de manutenção da paz realizadas na década de 1990 [...]” (ABREU, 2010, p. 16). A pesquisa se deu a partir de um estudo comparativo.

Dentre os 4 capítulos, demos principal atenção ao capítulo 3, *A crise do Haiti: dos primórdios até a MINUSTAH*, no qual são levantados e apresentados dados para a realização da análise comparada dos dois objetos de estudo. Nesse trabalho, de forma geral, igualmente aos dois trabalhos anteriores, o Haiti é analisado a partir do rótulo de país pobre, miserável, incapaz de se autogovernar e a Revolução Haitiana é analisada como um “filho bastardo da Revolução Francesa” (BRAGA, 2005, p. 48 apud, ABREU, 2010, p. 120). Houve uma tentativa de analisar o caso haitiano de forma a relacioná-lo à sua condição de país caribenho, no entanto, ao longo do trabalho são reproduzidas as seguintes afirmações: “Sua peculiar trajetória o difere inclusive de seus vizinhos caribenhos, tornando-o uma referência singular no estudo da história latino-americana” (ABREU, 2010, p. 114).

Segundo o autor, para resolver os problemas da desigualdade social e da instabilidade política, investimentos importantes devem ser feitos na educação, já que “a cultura haitiana também é um grande impedimento para a reforma democrática, particularmente no cumprimento e na imposição da lei” (ABREU, 2010, p. 248), pois o haitiano tende culturalmente a ser violento, vingativo e a querer fazer justiça pelas próprias mãos (ABREU, 2010, p. 140, 248).

7) O último trabalho analisado nesse grupo foi produzido na UFRJ, a dissertação, *República Dominicana e Haiti: Tropas Brasileiras em Missões de Paz (1965-2005)*, defendida em 2013 no Programa de História Comparada por Fernando Velôzo Gomes Pedrosa, bacharel em Ciências Militares. O tema do trabalho é a participação militar brasileira nas operações de paz na República Dominicana (1965-1966) e no Haiti (2004-2005). Busca identificar as razões que determinaram a decisão do governo brasileiro de participar de ambas as missões, o desempenho das forças brasileiras no terreno e o cumprimento dos mandatos das missões. A proposta metodológica do trabalho é a da História Comparada.

Dentre os três capítulos, dedicamo-nos à leitura do primeiro, *Conjuntura e decisão política*, no qual o autor faz uma breve descrição histórica das causas que levaram às crises dominicana e haitiana, examina as causas das intervenções, o papel da OEA e da ONU em cada caso e a decisão do governo brasileiro em participar das missões. De forma bastante resumida e sucinta, elementos como a instabilidade política, a desigualdade social, a ditadura do Rafael Leónidas Trujillo, o golpe militar que sofreu Juan Bosch e o contexto da Guerra Fria são apontados para explicar a intervenção na República Dominicana. Mas, no caso do Haiti, o autor dedica um subcapítulo inteiro à *Contextualização histórica* do país. Isso porque o Haiti é um país singular, que conquistou a sua independência após um sangrento processo revolucionário, sendo que desde então a violência é uma constância na sua história. O autor continua e afirma que a população do Haiti está etnicamente segmentada entre uma maioria negra e uma minoria branca, podendo ser analisada como uma sociedade de castas. Para o autor, a língua crioula falada no país “é uma forma simplificada e corrompida do francês” (PEDROSA, 2013, p. 61-62 e 65).

Prevalecem na análise do Haiti os estigmas dos rótulos que relacionam o país à pobreza, à miséria e à incapacidade de se autogovernar. De tão singular que é, o Haiti chega a ser desconhecido e informações muito específicas são necessárias. Nesse sentido, os dados particulares

oferecidos ao leitor sobre o Haiti não foram constatados no caso da República Dominicana, não tão singular quanto o Haiti, talvez.

3.2. Martinica, Barbados, Trinidad e outros países insulares

1) O primeiro trabalho que analisamos nesse grupo foi a tese *Barbadianos negros e estrangeiros trabalho, racismo, identidade e memória em Belém de início do século XX*, da historiadora Maria Roseane Corrêa Pinto Lima. O objeto do trabalho produzido em 2013 pela historiadora foi pesquisar a imigração de trabalhadores negros provenientes do Caribe inglês, mais especificamente de Barbados para o Pará, no contexto das primeiras décadas do século XX, no Brasil da pós-abolição, de forma entrecruzada com as questões de raça, classe e gênero. As principais fontes utilizadas foram registros escritos, orais e imagéticos que remetem aos barbadianos na região amazônica e fornecem indícios da forma como foram percebidos naquele local (LIMA, 2013, p. 15). O trabalho está dividido em 4 capítulos e nos dedicamos à leitura do primeiro, que é o introdutório, e o segundo capítulo. Nesses dois capítulos, a autora apresentou, entre outros, as descrições “nada elogiosas sobre os negros nas Antilhas” (LIMA, 2013, p. 211) reproduzidas na imprensa paraense por intelectuais como Raymundo Moraes e José Veríssimo.

De forma geral, o estudo se deu no contexto atlântico, procurando estabelecer ligações históricas entre o Brasil e o Caribe, um Caribe, sobretudo, antilhano. Movida pela historiografia social inglesa, a pesquisadora se valeu de “uma perspectiva historiográfica atenta às experiências dos sujeitos, às histórias de indivíduos e/ou grupos nem sempre considerados como tais” (LIMA, 2013, p. 32), para refletir sobre os imigrantes e o reconhecimento deles como sujeitos de direitos (LIMA, 2013, p. 31). A autora fornece informações sobre a perspectiva bastante preconceituosa e racista que se tinha no Brasil dos barbadianos em específico, mas também de outros caribenhos. Tinha-se a ideia de que o povo barbadiano, igualmente às populações de São Tomás e Santa Lúcia, era negro vagabundo e incivilizado, “fracos diante do poder do Brasil e de sua marinha” (LIMA, 2013, p. 82). No entanto, além de serem considerados de uma raça inferior por serem negros, os barbadianos eram de uma nacionalidade dominada – súdita britânica. Mas por serem alfabetizados,

anglófonos e se vestirem à moda inglesa, desfrutavam de uma certa “vantagem” em relação aos negros brasileiros recém-saídos da escravidão (LIMA, 2013, p.214-215).

2) Outro trabalho analisado foi a tese da historiadora Leticia Gregorio Canelas, *Escravidão e Liberdade no Caribe Francês: a alforria na Martinica sob uma perspectiva de gênero, raça e classe (1830-1848)*, defendida em 2017, na UNICAMP. A autora buscou, por meio da história da escravidão na América Latina e no Caribe, compreender os processos de conquista da alforria pelas mulheres escravizadas nos últimos anos de escravidão nas Antilhas Francesas, em específico na Martinica, entre 1830 e 1840. Sua intenção foi identificar as mulheres afrodescendentes como protagonistas de estratégias e projetos de liberdade, individuais e coletivos. Nesse sentido, as noções de classe, raça e gênero foram essenciais para a autora, que realizou sua pesquisa sob a perspectiva da história social, a história vista de baixo. A pesquisa foi realizada a partir de um método interpretativo das fontes seriais, manuscritas, criminais, censitárias, literárias, fontes pesquisadas sobretudo nos *Archives Nationales d’Outre Mer* e na Biblioteca Nacional da França.

O trabalho está dividido em duas partes subdivididas em três capítulos cada uma. Dedicamos à leitura da Introdução e do ponto 3, *O Caribe francês e a Martinica*, para observar as principais descrições que a autora faz do Caribe, de forma geral, e da Martinica, em particular. Na primeira parte introdutória, a autora faz uma descrição geográfica da ilha de Martinica, apresenta sua divisão administrativa, estabelece relações históricas com outras ilhas do caribe, sobretudo com as colônias de *Saint-Domingue* e da Guadalupe a partir da colonização francesa, do sistema escravista que as transformou em importantes regiões produtoras de açúcar, da sua população majoritariamente negra e dos importantes movimentos de resistência dos escravizados.

3) Também analisamos o trabalho *Carnavais Atlânticos: Cidadania e Cultura Negra no Pós-abolição. Rio De Janeiro e Port-Of-Spain, Trinidad (1838-1920)*, de Eric Brasil, defendido no doutorado da UFF, em 2016. No seu trabalho, o historiador buscou trazer para o debate questões relacionadas ao racismo e à modernidade mediante a análise, numa perspectiva transacional, atlântica e comparativa, das experiências carnavalescas das populações negras da cidade de *Port-of-Spain*, capital da República de Trinidad e Tobago entre 1838 e 1881 e da cidade do Rio de Janeiro entre 1890 e 1920. A intenção foi estudar as estratégias de ação pública, de organização social, de reivindicação de direitos e cidadania, bem como de enfrentamento do povo negro dessas sociedades à repressão dos diferentes grupos dominantes.

A partir da história social da cultura, o autor pesquisou documentação policial e periódicos relativos às associações carnavalescas durante a Primeira República na Biblioteca Nacional, nos Diários Oficiais da União e no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. No caso de Trinidad, fez um levantamento bibliográfico referente ao tema e de referenciais teóricos sobre diáspora, performance e pós-abolição nos registros presentes nos jornais publicados na cidade, que se encontram arquivados na *British Library* e na *Albert Sloman Library*, da Universidade de Essex, em Londres.

De forma geral, o trabalho foi organizado em três partes divididas em capítulos e subcapítulos. Além das divisões principais, lemos a segunda parte, *Negros Carnavais nas ruas de Port-of-Spain (1838-1881)*, em que o autor analisou as transformações sociais e políticas vivenciadas na ilha de Trinidad, as quais são importantes para compreender o carnaval e sua relação com a sociedade ao longo do século XIX, enfatizando os impactos da abolição da escravidão nas práticas carnavalescas e na experiência social da ilha. Assim, dois eventos são centrais: a Abolição da Escravidão no Caribe inglês (1834-38) e a Revolta do Canboulay de 1881. Essa Revolução, em particular, conforme o autor, é essencial para entender as relações conflituosas entre as forças policiais, autoridades coloniais e a população negra da cidade, pois traz ao debate questões como a autonomia festiva, a crítica à violência policial e à limitação dos direitos costumeiros (BRASIL, 2017, p. 13-27)

4) Outro trabalho que analisamos foi a tese *Não diga que não somos brancos: os projetos de colonização para afro-americanos do governo Lincoln na perspectiva do Caribe, América Latina e Brasil dos 1860*, da historiadora Maria Clara Sales Carneiro Sampaio, defendida em 2013 na USP. A partir de uma história social da escravidão, de uma história política e de uma história atlântica, a autora estuda os projetos de colonização da Guerra de Secessão nos Estados Unidos – uma tentativa de o país se livrar dos negros e resolver a questão racial. Seu objetivo foi, a partir da análise de fontes documentais de natureza oficial, pesquisar a “questão do negro” dentro dos Estados Unidos em plena Guerra Civil (1861-1865), permitindo uma melhor compreensão do debate sobre a construção das ideias de raça e de pertencimento nesse país como na América Latina e no Caribe. Também analisou a resistência das comunidades afrodescendentes a esse projeto e suas tentativas de construção de cidadanias negras.

Os países caribenhos que a autora analisou são territórios coloniais que participaram das negociações com os Estados Unidos: a ilha dinamarquesa de Santa Cruz, o Suriname holandês e as

colônias inglesas da Jamaica, Belize (Honduras Britânicas), a Guiana Britânica, exceto o Haiti. Esses territórios coincidem com a noção de Caribe insular de Antonio Gaztambide-Geigel (2006), mas, para refletir sobre a configuração da região caribenha, a autora usa, entre outras, a referência de Sidney Mintz.

O trabalho está dividido em 6 capítulos, dentre os quais nos dedicamos à análise dos dois últimos, *O Caribe: Liberdade, Controle da Mão de Obra, o Trabalho Dependente e Futuras Perspectivas*. Nesses capítulos, a autora tratou sobre as trocas diplomáticas entre alguns países caribenhos com os Estados Unidos para o recebimento de negros e de pessoas de cor como trabalhadores. Também tratou das reações de alguns setores afro-americanos frente às ideias de colonização. O Haiti é, nesse sentido, analisado à parte pela autora – no capítulo 6 juntamente à Libéria, não deixando de estabelecer relações entre eles e os outros países analisados, pois seu foco foi estabelecer uma história conectada. O caso do Haiti foi contextualizado em relação às comunidades afro-americanas, analisando sua importância simbólica para os afrodescendentes “como um lugar de possibilidades reais de igualdade social e política para eles” (SAMPAIO, 2013, p. 221).

5) O último trabalho deste subitem é a tese de doutorado intitulada “*Sem que lhes obste a diferença de cor*”: a habilitação dos pardos livres na América portuguesa e no Caribe espanhol (c. 1750-1808), defendida por Priscila de Lima Souza, em 2017, na USP. Por meio de uma abordagem comparada, a tese pesquisou o processo de transformação do status social dos pardos livres entre a segunda metade do século XVIII e o ano de 1808 na América portuguesa e o Caribe espanhol. Os territórios pesquisados pela historiadora do Caribe espanhol são o Vice-Reino de Nova Granada, a Capitania Geral da Venezuela e a Capitania Geral de Cuba. Seu entendimento do Caribe se aproxima da noção de Grande Caribe, que inclui partes continentais da América Central e do Sul e as Antilhas, segundo Antonio Gaztambide-Geigel (2006). O principal foco da tese é a análise dos “fundamentos dos estigmas associados aos pardos e, por outro lado, as pressões exercidas pelos próprios pardos com o objetivo de superar as restrições legais” (SOUZA, 2017, p. 6).

As principais fontes utilizadas pela autora foram alguns requerimentos produzidos pelos pardos, a legislação, dicionários, relatos de viajantes, sermões religiosos e a documentação produzida pela burocracia imperial. Analisamos as informações acerca da Capitania Geral de Cuba. De forma geral, as informações são referentes à divisão administrativa da Capitania, do sistema

defensivo e o lugar reservado às pessoas pardas, que sofriam com um controle social bastante rígido em relação às demais colônias espanholas e enfatizando sua agência com sujeitos históricos.

3.3. Cuba: uma grande exceção

Cuba se encontra entre os países do Caribe insular mais pesquisados. Nas universidades listadas localizamos 21 trabalhos – dos quais três não foram encontrados na web –, entre dissertações e teses. Devido ao grande volume de trabalhos encontrados, realizamos uma análise um pouco menos detalhada, lemos apenas as partes principais de cada trabalho: resumo, introdução e considerações finais, ao contrário da análise dos outros países, tendo em vista as limitações da pesquisa da especialização e deste artigo.

O número encontrado de trabalhos sobre Cuba nos leva a concluir que se o Caribe insular não ocupa um lugar central nos estudos universitários das instituições analisadas, Cuba consiste, no entanto, em uma exceção. Ainda, comparativamente aos demais países, os temas pesquisados são também bem mais diversificados. Os 18 trabalhos analisados tratam de cinema, feminismo, revistas científicas e culturais, aspectos políticos e culturais da Revolução Cubana, relações raciais e escravidão. Alguns estabelecem relações entre Cuba, Brasil, Estados Unidos e alguns países africanos. A grande maioria, no entanto, analisa questões relacionadas à Revolução de 1959.

A produção mais consistente sobre Cuba nos cursos de história no Brasil desde 1995, conforme verificado no site da Capes, e a maior quantidade de trabalhos encontrados em comparação a outros países do Caribe insular podem ser entendidas com a intensificação das relações internacionais entre o Brasil e Cuba a partir dessa década. As mudanças trazidas com o fim da União Soviética, na década de 1990, e, portanto, da Guerra Fria, têm levado Cuba “de volta à América Latina”, ao mesmo tempo em que importantes países da região também estão “de volta à Cuba” (HOFFMANN; WHITEHEAD, 2006, p. 11), como no caso do Brasil. Também podemos argumentar que os trabalhos encontrados sobre Cuba se referem a um excepcionalismo cubano na historiografia brasileira (HOFFMANN; WHITEHEAD, 2006). Um excepcionalismo positivo que estuda o país como um modelo revolucionário contra o imperialismo estadunidense na região, o que suscita o interesse pela pesquisa de aspectos históricos, econômicos e culturais do país.

4. Conclusão

Neste trabalho apontamos que o Brasil, nos últimos anos do século XX, se aproximou dos seus vizinhos latino-americanos, enquanto continuou distante do Caribe, sobretudo do Caribe insular e do Haiti. Para entendermos tal situação, algumas possíveis explicações foram apresentadas, como a própria configuração do Estado-nação brasileiro; os interesses meramente estratégicos do Brasil para com o Caribe no âmbito das relações internacionais; as questões ideológicas e epistemológicas da própria produção histórica que legitimou a produção de uma história etnocêntrica; a produção de conhecimento no Brasil, que tem dialogado muito mais com a Europa e os Estados Unidos que com os países da região, e a dificuldade de financiamento e acesso a fontes para incentivar o estudo da região.

Analisando os trabalhos universitários produzidos entre os anos de 2010 e o primeiro semestre de 2022 na UFMG, UFF, UNICAMP, UFRGS, USP, UFRJ, UNILA, UFMA e UNIFAP, identificamos 33 produções, entre dissertações e teses, as quais dividimos em três grupos. Pode-se dizer que mesmo com o importante movimento no Brasil de resgate de intelectuais negros e caribenhos, como Frantz Fanon, Aimé Césaire e Édouard Glissant, para citar só alguns, de estudos da África e da diáspora africana, quantitativamente, os estudos históricos recentes nas universidades analisadas têm reservado um lugar de pouco destaque ao Caribe insular de forma geral. Cuba é a exceção, sendo o tema de 21 desses 33 trabalhos, apesar de aparecer muito mais como país latino-americano que como caribenho. Em relação aos temas pesquisados, Cuba também se destaca, pois os temas são bem mais diversificados.

Os trabalhos do primeiro grupo sobre o Haiti/*Saint-Domingue*, juntamente à República Dominicana, analisam o período colonial escravista, o período pós-colonial, a formação do Estado-nação e as crises políticas em relação às intervenções militares no âmbito das “operações de paz”. Os trabalhos do segundo grupo acerca da Martinica, Barbados, Trinidad e outros países insulares estabelecem relações entre os países estudados e os Estados Unidos do contexto da Guerra da Secessão, bem como com o Brasil pós-abolicionista, analisando questões como a migração, trabalho, gênero, carnaval, mas, de forma geral, estudando diferentes facetas e impactos do sistema colonial escravista, as relações raciais. Assim, observamos que os recortes temáticos acerca do

Caribe, tirando Cuba, não são muito diversificados. Não localizamos trabalhos que analisassem a arte popular – tirando o trabalho acerca de Trinidad –, o patrimônio nacional, a questão religiosa, a situação da mulher, questões historiográficas, estudos desde a história das mentalidades, abordando pensadores e intelectuais desses países, por exemplo. As possibilidades são infinitas, porém, não exploradas.

Outra questão foi de observar que muitos dos trabalhos, independentemente do país analisado, levaram em conta o contexto caribenho. Ainda, de forma geral, os estudos não são carregados de ideias estereotipadas e exotizadas acerca do Caribe. Ou seja, não identificamos clichês, percepções parciais, forjadas sobre o “outro”, nesse caso, o Caribe insular, a partir de uma realidade existente, contudo desconhecida, fragmentada, reconfigurada e recontextualizada pelos pesquisadores (MASON, 1998, apud STASZAK, 2008, p. 13), à exceção do Haiti. No caso dos demais trabalhos, os autores descrevem percepções estereotipadas, exóticas, racistas das sociedades coloniais e pós-abolicionistas acerca das populações negras.

Já em 4 dos 7 trabalhos que tratam do Haiti: *O Brasil no Século XXI: Princípio da Não Indiferença: Direitos Humanos e Poder na MINUSTAH*; *O uso da força em operações de manutenção da paz: uma análise comparada entre as missões das Nações Unidas no Haiti (1994-2010)*; *República Dominicana e Haiti: Tropas Brasileiras em Missões de Paz (1965-2005)*; e *Operações de paz à Brasileira – Uma forma antiga e particular ou uma nova projeção de poder? Um Estudo de Caso da Minustah*, os preconceitos e discursos abertamente racistas são reproduzidos pelos próprios pesquisadores. A Revolução negra do Haiti é sempre analisada como um movimento exageradamente violento contra o sistema colonial escravista europeu, sendo que, em consequência, o haitiano teria herdado essa violência, caracterizando-se como um povo inculto e agressivo. A língua crioula, por sua vez, é apenas uma forma corrompida do francês. Ademais, o país aparece detalhadamente e constantemente sob o prisma da pobreza, da miséria e da incapacidade de o Estado haitiano liderar a nação. Esses argumentos já vêm sendo devidamente questionados pelas ciências sociais há anos, mas ainda estão presentes na academia. Além disso, o empobrecimento aparece como “a única chave de leitura para entender as estruturas sociais e as relações de poder e de dominação no país” (JOSEPH, 2021).

Nesses estudos, o Haiti é também um país muito peculiar e quase nenhuma relação com outros países da região é estabelecida. Michel-Rolph Trouillot (2020) trata dos riscos dessas leituras

que analisam o Haiti como singular demais, como uma exceção histórica e sociocultural. O excepcionalismo haitiano, ao contrário do excepcionalismo cubano, é negativo, reproduzindo estereótipos e estigmas acerca do país e reforçando a sua marginalização. De tão único, o Haiti se torna estranho, inexplicável e sem possibilidade de comparação ou de estabelecer relações reais com os demais países do mundo, o que também dificulta estudos empiricamente sérios sobre a realidade haitiana.

Esses trabalhos foram produzidos entre 2010 e 2013 no PPG em História Comparada da UFRJ, sendo que três deles foram produzidos por pesquisadores não graduados em história, sendo dois deles membros do Exército brasileiro. Ao sabermos que de 2004 a 2017 o Brasil comandou a MINUSTAH no Haiti, perguntamos: Seria possível analisar esses trabalhos menos como discursos de historiadores que como discursos do exército brasileiro justificando e comprovando sua presença no Haiti, no contexto da MINUSTAH, fazendo uso da retórica salvacionista da modernidade? (MIGNOLO, 2008). Bem, nesses trabalhos o Brasil é tratado como aquele que “responde ao grito de dor” haitiano (BITTENCOURT, 2013, p. 157).

As posições sociais ocupadas pelo historiador repercutem no que ele produz, não apenas como indivíduo, mas como membro de uma sociedade que tem suas próprias normas culturais, bem como de um campo específico de conhecimento científico, atuando num determinado tempo histórico. A produção histórica tem, portanto, um caráter político e ideológico (ALBUQUERQUE JR, 2020). O historiador, ocupando o espaço da universidade, um importante aparelho político, lugar social de inovação do saber (FOUCAULT, 2012, p. 52; KNAUSS, 2019), tem seu discurso legitimado, já que conta com “o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro” (FOUCAULT, 2012, p. 52). Assim, o discurso do historiador, do acadêmico, de forma geral, se estabelece muitas vezes como autoridade e consegue, conseqüentemente, impor uma certa visão de mundo aos seus leitores, criando e se alimentando de uma certa cultura histórica (RÜSEN, 1994; MALERBA, 2019). Podemos, portanto, dizer que os estereótipos reproduzidos acerca do Haiti nos trabalhos analisados dizem muito sobre o imaginário social mantido pela memória coletiva e renovado pelas grandes mídias acerca do país, porém não questionados, não criticados.

5. Referências Bibliográficas

- ÁGUILA, Gabriela. La enseñanza de la historia latinoamericana contemporánea y las perspectivas comparadas. Algunas breves reflexiones. Bohoslavsky, Ernesto; Geoghegan, Emilce; González, María Paula (Compiladores), **Taller de reflexión sobre América Latina. Los desafíos de investigar, enseñar y divulgar sobre América Latina**, UNGS, 2011.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. PPGH – UFG. Uma escritura de charneira: a historiografia entre a arte e a ciência. Youtube, 11 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fjgtDHjTdTI>. Acesso em: 15 fev. 2023.
- ALENCASTRO, L. F. de. As três eras do Atlântico Sul. **Revista USP**, n. 123, p. 13-28, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/165099>. Acesso em: 18 jan. 2023.
- ALPHONSE, F.; MACEDO, J. R. O programa pró-Haiti nas universidades públicas brasileiras (2011-2016). **Temáticas**, Campinas, SP, v. 25, n. 49, p. 233–270, 2017. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11135>. Acesso em: 09 set. 2021.
- ARMITAGE, David. Três conceitos de História Atlântica. **História UNISINOS**, São Leopoldo v.18, n. 2, p. 206-207, maio-agosto de 2014. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/7035>. Acesso em: 16 jan. 2023.
- BEIRED, J. L. B.. A pesquisa de História da América no Brasil durante as últimas décadas. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, v. 1, p. 50-72, 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343468485_A_pesquisa_de_Historia_da_America_no_Brasil_durante_as_ultimas_decadas. Acesso em: 09 ago. 2022.
- BETHELL, Leslie. O Brasil e a ideia de “América Latina” em perspectiva histórica. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, p. 289-321, 2009. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2590>. Acesso em: 12 maio 2022.
- BRESSAN, Regiane Nitsch. As relações entre Brasil e Cuba: das vantagens econômicas à retração política. **Brazilian Journal of International Relations**, Marília, v. 6, n. 3, p. 468-490, set./dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjir/article/view/6767>. Acesso em 11 maio 2022.
- CABRERA, Olga. Brasil y la creación de revistas científicas fuera de los grandes centros: Revista Brasileira do Caribe. **Desacatos**, n. 42, p. 258-270, 2013. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1607-050X2013000200016. Acesso em: 09 jan. 2022.
- CABRERA, Olga. Caribe Brasil: una relación en debate. **Memorias**, Barranquilla - Colombia, Año 4, n° 8, p. 22-29, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=85540806>. Acesso em: 09 jan. 2022.
- CABRERA, Olga; IBARRA, Isabel. Diálogos transnacionais e interdisciplinares: Brasil/Caribe. **Revista Brasileira do Caribe**, São Luis-MA, Brasil, Vol. XV, n°29. Jul-Dez 2014, p. 183-196. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/3227>. Acesso em 09 jan. 2022.
- CAINELLI, Marlene. A escrita da história e os conteúdos ensinados na disciplina de história no ensino fundamental. **Educação e Filosofia Uberlândia**, v. 26, n. 51, p. 163-184, jan./jun. 2012. Disponível em: [A Escrita Da História E Os Conteúdos Ensinados Na Disciplina De História No Ensino Fundamental | Educação E Filosofia \(Ufu.Br\)](https://www.ufrb.edu.br/revista/revista-educacao-e-filosofia-uberlandia/article/view/11135). Acesso em 20 set. 2021.

- CANALS, Roger. Representaciones fílmicas del Caribe: del exotismo a la auto-representación. **Boletín Americanista**, Barcelona, n. 66, p. 101-17, 2013. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/BoletinAmericanista/article/view/271822>. Acesso em: 05 fev. 2021.
- CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, Vozes, 2008.
- DOMÍNGUEZ AVILA, C. F. Brasil y los Países Ribereños de la Cuenca del Caribe: Prolegómenos para un Nuevo Entendimiento en los Primeros Años del Siglo XXI. **Brazilian Journal of Latin American Studies**, (Cadernos PROLAM/USP) v. 7, n. 12, p. 41-65, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/prolam/article/view/82310>. Acesso em: 30 jan. 2023.
- FARIAS, Déborah Barros Leal. O Brasil e o Caricom. **Rev. Bras. Polít. Int.** v. 43, n. 1, p. 43-68, 2000. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/25570>. Acesso em 09 jan. 2022.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 25 ed. São Paulo: Graal, 2012.
- FREITAS, Maria Teresa. Exotismo e Alteridade: Histórias Brasileiras de Blaise Cendrars. **Revista USP**, n. 38, p. 178-184, 1998. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28413>. Acesso em: 09 fev. 2021.
- GAZTAMBIDE-GEIGEL, Antonio. La invención del Caribe a partir de 1898 (Las definiciones del Caribe, revisitadas). **Jangwa Pana**, Magdalena, Colombia, n. 5, p. 1-24, nov. 2006. Disponível em: https://redib.org/Record/oai_articulo630426-la-invinci%C3%B3n-del-caribe-a-partir-de-1898-las-definiciones-del-caribe-revisitadas. Acesso em 15 set. 2021.
- GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Trad. Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, [1996]/2005.
- GODOY, João Miguel Teixeira de. Formas e problemas da historiografia brasileira. **História Unisinos**, n.13, p. 66-77, jan./abr. 2009. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/5074>. Acesso em: 15 set. 2022.
- GOMEZ, E. Alejandro. **Le Syndrome de Saint-Domingue: perceptions et représentations de la révolution haïtienne dans le monde atlantique, 1790-1886**. Orientador: Frédérique Lnage. 2010. 550f. Thèse (Doctorat en Histoire) – Centre d'études et de recherches sur les Mondes américains, École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 2010. Disponível em: <https://theses.hal.science/tel-00555007v2>. Acesso em: 15 out. 2022.
- GRUZINSKI, S. Os mundos misturados da monarquia católica e outras connected histories, **Topoi**, Rio de Janeiro, 2001, p. 175-195. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/SyxTynYw6ZqQ6cQXYvyYYBj/?lang=pt>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. “Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional”. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, No.1, 1988, p. 5-27.
- HOFFMANN, Bert; WHITEHEAD, Lawrence. “Cuban exceptionalism revisited”. **German Institute for Global and Area Studies (GIGA)**, n. 28, September 2006, p. 25. Disponível em: <https://www.giga-hamburg.de/en/publications/giga-working-papers/cuban-exceptionalism-revisited>. Acesso em: 25 maio 2021.
- HURBON, Laënnec. **Le Barbare imaginaire**. Paris: Les Éditions du Cerf, 1988.
- JESUS, Alex Dias de. **Redes da migração haitiana no Mato Grosso do Sul**. 2020. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande

- Dourados, Dourados, MS, 2020. Disponível em: [DSpace UFGD: Redes da migração haitiana no Mato Grosso do Sul](#). Acesso em 10 set. 2021.
- JOSEPH, Handerson. A morte do presidente do Haiti e o neocolonialismo. **Instituto Humanitas Unisinos**, 12 de julho de 2021. Disponível em: [A morte do presidente do Haiti e o neocolonialismo - Instituto Humanitas Unisinos - IHU](#). Acesso em 11 set. 2021.
- KALIL-ALVES, Thamar; OLIVEIRA, Wellington de. O ensino de história da América Latina no Brasil: sobre currículos e programas. **Revista Internacional de Investigación en Educación**, Colombia, vol. 3, núm. 6, p. 283-298, 2011.
- KNAUSS, Paulo. Conhecimento histórico acadêmico. In: FERREIRA, Marieta Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (Cord.). **Dicionário de ensino de história**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. p. 47-49.
- LIMA, Anderson Vargas de. **Totais de estrangeiros cadastrados: Nacionalidade/UF/ País de nacionalidade: Rep. do Haiti**. MJSP - Polícia Federal, 2017.
- MALERBA, Jurandir. História da historiografia e perspectiva global: um diálogo possível? **Esboços**, Florianópolis, v. 26, n. 43, p. 457-472, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2019.e65419>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- MARQUESE, R.; PIMENTA, J. P. Tradições de história global na América Latina e no Caribe. **História da Historiografia**, Ouro Preto, v. 8, n. 17, 2015. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/775>. Acesso em 15 jan. 2023.
- MATHIAS, Carlos Leonardo Kelmer. O ensino de História no Brasil: Contextualização e abordagem historiográfica. **História Unisinos**, v. 15, n. 1, p. 41-49, 2011. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/959>. Acesso em 06 jan. 2021.
- MIGNOLO, Walter. La opción descolonial. **Revista Letral**, n. 1, p. 4-22, 2008. Disponível em: <https://revistaseug.ugr.es/index.php/letral/article/view/3555>. Acesso em 16 maio 2022.
- MOREL, Marco. **A Revolução do Haiti e o Brasil escravocrata: O que não deve ser dito**. Jundiaí/SP: Paco, 2017, 348, pp.
- NASCIMENTO, Washington Santos. São Domingos, o grande São Domingos: repercussões e representações da Revolução Haitiana no Brasil escravista. **Dimensões**, Vitória, v. 21, p. 125-142, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/dimensoes/article/view/2486>. Acesso em: 29 out. 2021.
- OLIVEIRA, M. da Glória de.; GONTIJO, R. . Sobre a história da historiografia brasileira: um breve panorama. **Revista do IHGB**, v. 177, p. 13-37, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/32780534/Sobre_a_Hist%C3%B3ria_da_historiografia_brasileira_um_breve_panorama. Acesso em: 20 set. 2022.
- PEPIN, Amélie. **Du mythe à la subversion: trois manifestations de la figure du zombie filmique**. Mémoire – (Faculté des lettres et sciences humaines), Université de Sherbrooke, Sherbrooke, 2011.
- PRADO, Maria Lígia Coelho do.. “À guisa de introdução: pesquisa sobre História da América Latina no Brasil”. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, v. 1, p. 10-11, 2001b. Disponível em: [À Guisa de Introdução: Pesquisa sobre História da América Latina no Brasil | Revista Eletrônica da ANPHLAC](#). Acesso em 15 set. 2021.
- PRADO, Maria Lígia C. América Latina: Historia comparada, historias conectadas, historia transnacional. **Anuario de la Escuela de Historia**, n. 24, p. 9-22, 2012. Disponível em: <http://rehip.unr.edu.ar/handle/2133/3719>. Acesso em: 18 jan. 2023.

- PRADO, Maria Lígia Coelho do.. O Brasil e a distante América do Sul. **Revista de História**, São Paulo, n. 145, p. 129-149, dez. 2001a.
- ROCHA, Mendes Leandro. Do MERCOSUL a Caribe: quando o Brasil se descobre americano. **Revista Brasileira do Caribe**, v. 1, n. 1, p. 85-105, ago./dez., 2000. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/3386/1416>. Acesso em 09 jan. 2022.
- RÜSEN, Jörn. ¿Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia. Trad. de F. Sánchez e Ib Schumacher. Versão espanhola inédita do texto original em alemão publicado em FÜSSMANN. H. T. Grütter y RÜSEN, J. (eds.). **Historische Faszination. Geschichtskultur heute**, 1994.
- SANTOS, Bruno Almeida; SILVA, Marcos Antonio da. As relações contemporâneas entre Brasil e Cuba: do intercâmbio comercial à cooperação. **Conjuntura Global**, vol. 5 n. 3, p. 622-637, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/conjglobal/article/view/50549>. Acesso em 09 maio 2022.
- SANTANA CASTILLO, Joaquín. Repensando el Caribe: Valoraciones sobre el Gran Caribe Hispano. **Revista Clío América**, Santa Marta. V. 1, n. 2, p. 303-334, 2007. Disponível em: <https://revistas.unimagdalena.edu.co/index.php/cliioamerica/article/view/351>. Acesso em: 17 mar. 2021.
- SANTOS JÚNIOR J. Gomes dos; SOCHACZEWSKI, J.M.. História global: um empreendimento intelectual em curso. **Revista Tempo**, v. 23, n. 3, p. 483-502, Set./Dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/5Qh7XtLX9H9Q4hxrVWMPmhG/abstract/?lang=pt>. Acesso em 15 jan. 2023.
- STASZAK, Jean-François. Qu'est ce que l'exotisme? Le Globe, Revue genevoise de géographie, n. 148, p. 7-30, 2008. Disponível em: https://www.unige.ch/sciences-societe/geo/files/4314/4464/7645/Globe2008_Article1_.pdf. Acesso em: 20 jan. 2021.
- SUBRAHMANYAM, Sanjay. Em busca das origens da História Global: Aula inaugural proferida no Collège de France em 28 de novembro de 2013. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 60, p. 219-240, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/66005>. Acesso em: 18 jan. 2023.
- TROUILLOT, Michel-Rolph. Moderno de outro modo. Lições Caribenhas Vindas do Lugar do selvagem. **Tabula Rasa**. n.14, pp.79-97, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/tara/n14/n14a04.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2022.
- TROUILLOT, M.-R. O estranho e o ordinário: o Haiti, o Caribe e o mundo. **Vibrant**. Brasil, n. 17, p. 1-8, 2020. Disponível em: <http://www.vibrant.org.br/lastest-issue-v-17-2020/>. Acesso em: 04 nov. 2021.
- TROUILLOT, M.-R. **Silenciando o Passado: Poder e a Produção da História**. Curitiba: Huya, [1995]/2016.
- TROUILLOT, Michel-Rolph. The Caribbean region: an open frontier in anthropological theory. **Annual Review of Anthropology**, v. 21, n. 1, p. 19-42, 1992. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/99060264/5-mr-trouillot-the-caribbean-region>. Acesso em: 17 ago. 2022.

5.1 Fontes

- ABREU, Estevão G. P. de. **O uso da força em operações de manutenção da paz: uma análise comparada entre as missões das Nações Unidas no Haiti (1994-2010)**. Orientador: Francisco Carlos Teixeira da Silva. 2010. 268f. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- BITTENCOURT, Bianca Pereira. **O Brasil no Século XXI: Princípio da Não Indiferença: Direitos Humanos e Poder na MINUSTAH**. Orientadora: Sabrina Evangelista Medeiros. 2013. 224f. Tese (Doutorado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- BRASIL, Eric. **Carnavais Atlânticos: Cidadania e Cultura Negra no Pós-abolição. Rio De Janeiro e Port-Of-Spain,Trinidad (1838-1920)**. Orientadora: Martha Abreu. 2016. 338f. (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2016.
- CALEGARI, Ana Paula Cecon. **Trajetória partidária e cultura política dos comunistas em Cuba entre as décadas de 1920 e 1960**. Orientadora: Adriane Aparecida Vidal Costa. 2021. 447f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2021.
- CANELAS, Leticia G. **Escravidão e Liberdade no Caribe francês: a alforria na Martinica sob uma perspectiva de gênero, raça e classe (1830-1848)**. Orientador: Robert Wayne Andrew Slenes. 2017. 256f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2017.
- DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. **Questão de Cuba: a política externa independente e a crise dos mísseis**. Orientadora: Carla Brandalise. 2014. 379f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2014.
- FELIPPE, Eduardo Ferraz. **A resignação de Sísifo: tradição, cultura política e história na obra do moderno vetusto Alejo Carpentier (1928-1980)**. Orientador: Julio Pimentel Pinto Filho. 2013. 260f. Tese (Doutorado em História social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2013.
- FERRER, Monica Villares. **Arte fotográfica e liberdade de expressão: um diálogo entre Brasil e Cuba (1960-1990)**. Orientador: Claudia Valladão de Mattos. 2010. 248f. Dissertação (Mestrado em história) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2010.
- FREDEL, Karla Maria. **Arqueologia de gênero nas cidades de Pelotas/RS - Brasil e Habana Vieja/Habana - Cuba: século XIX**. Orientador: Pedro Paulo Abreu Funari. 2012. 246f. Tese (doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012.
- LANE, Fernanda Bretones. **Notícias insurgentes: política, escravidão e imprensa periódica em Cuba no contexto das independências ibero-americanas (1810-1823)**. Orientador: Rafael de Bivar Marquese. 2013. 137f. Dissertação (Mestrado em História social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2013.
- LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. **Barbadianos negros e estrangeiros trabalho, racismo, identidade e memória em Bélem de início do século XX**. Orientadora: Gladys Sabina Ribeiro.

2013. 245f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2013.
- MATA, Iacy Maia. **Conspirações da “raça de cor”**: escravidão, liberdade e tensões raciais em Santiago de Cuba (1864-1881). Orientador: Sidney Chalhoub. 2012. Tese (doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012. (Não encontramos esse trabalho para análise).
- NETO, José Alves de Freitas. **Retórica Americana**: temas e ideias político-culturais em Casa de las Américas (1965-1976). Orientador: José Alves de Freitas Neto. 2011. 146f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2011.
- PAIS, Rafael Dias Moreira. **As disputas pela definição do compromisso intelectual na revista Casa de las Américas (1960-1965)**. Orientador: Henrique Buarque de Gusmão. 2017. 123f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- PARRON, Tâmis Peixoto. **A política da escravidão na era da liberdade**: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846. Orientador: Rafael de Bivar Marquese. 2015. 502f. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- PEDROSA, Fernando. V. G. **República Dominicana e Haiti**: Tropas Brasileiras em Missões de Paz (1965-2005). Orientador: Alexander Zhebit. 2013. 270f. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- PEREIRA, Bethânia Santas. **Uma nação em construção**: trabalho livre e soberania no código rural haitiano (1826 - 1843). Orientador: Raquel Gryszczenko Alves Gomes. 2020. 167f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2020.
- PRATES, Thiago Henrique Oliveira. **“O Mundo Não Acaba no Malecón”**: Exílio, Intelectuais e Dissidência Política nas Revistas Encuentro de La Cultura Cubana ... Orientadora: Adriane Aparecida Vidal Costa. 2015. 250f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2015.
- QUEIROZ, E. M. **Ao sul da fronteira cimarrón**: o processo de redução dos negros do maniel de Neiba na Ilha de Española (1782-1795). Orientadora: Maria Cristina Cortez Wissenbach. 2012. 120f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- ROCHA, Sirlene de Andrade. **Destinos traçados e vidas recompostas no Brasil e em Cuba**: demografia e família escrava em perspectivas comparadas... Orientadora: Miridan Britto Knox Falci. 2010. 101f. Dissertação (mestrado em História comparada) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- SANTOS, Lucas Machado dos. **Educação em nossa América: uma história intelectual das ideias do cubano José Martí sobre educação**. Orientador: Fernando Luiz Vale Castro. 2013. Dissertação (Mestrado em História Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. (Não encontramos esse trabalho para análise).
- SAMPAIO, Maria C. S. C. **Não diga que não somos brancos**: os projetos de colonização para afro-americanos do governo Lincoln na perspectiva do Caribe, América Latina e Brasil dos 1860.

Orientadora: Maria Helena Pereira Toledo Machado. 2013. 282f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SANTOS, Rhenan Pereira. **En cada cuadro un comité, en cada barrio revolución:** os cdr e a participação popular na transição socialista em cuba (1960-1975). Orientador: Mathias Seibel Luce. 2017. 169f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2017.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Irmãos do Atlântico.** Escravidão e espaço urbano no Rio de Janeiro e Havana (1763-1844). Orientador: Rafael de Bivar Marquese. 2012. 341f. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SCHEID, Natália Iglésias Silva da. **As representações da Revolução e do feminino no cinema cubano...** Orientadora: Adriane Aparecida Vidal Costa. 2019. 160f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG 2019.

SILVA, Alexsandro de Sousa e. **A câmara e o canhão:** a circulação das imagens cinematográficas entre Cuba e os países africanos (1960-1991). Orientadora: Maria Helena Rolim Capelato. 2020. 251f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2020.

SILVA, Amanda Bastos da. **A Revolução de São Domingos e os embates entre forças abolicionistas e escravistas no longo século XIX...** Orientador: Leonardo Marques. 2019. 167f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2019.

SILVA, Daniele Dionísio da. **Operações de paz à Brasileira** - Uma forma antiga e particular ou uma nova projeção de poder? Um Estudo de Caso da Minustah. Orientadora: Sabrina Evangelista Medeiros. 2011. 209f. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, Graciella Fabrício da. **“O que fazer com Castro”** Time, Life e a Revolução Cubana (1959-1962). Orientador: Bernardo Kocher. 2012. 174f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2012.

SILVA, Junior, Waldomiro Lourenço da. **Entre a escrita e prática:** direito e escravidão no Brasil e em Cuba c. 1760-1871. Orientador: Rafael de Bivar Marquese. 2015. 341f. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2015.

SOALHEIRO, Itamara. **“Cine Sobre Ruedas”:** Expressões da Cultura Política Comunista nos discursos cinematográficos e na Organização do Cine-Móvil Cubano (1961-1971).” Orientador: Rodrigo Patto Sá Motta. 2011. 181f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2011.

TEIXEIRA, Pereira Mariana. **A revista de Avance (1927-1930):** um espaço de construção da identidade cubana e de diálogo latino-americano. Orientador: Fernando Luis Vale Castro. 2014. 122f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. (Não encontramos esse trabalho para análise).